

Apoena revela falhas e deixa Funai



Para o sertanista, "a Funai é inviável com a atual estrutura"

BRASÍLIA
AGÊNCIA ESTADO

O quinto presidente da Funai no atual governo, Apoena Meireles, entregou ontem, ao ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, a sua carta de demissão "em caráter irrevogável". Na carta, Apoena aponta distorções ainda não-sanadas na Funai que estariam inviabilizando o trabalho de assistência aos índios e afirma ter consciência de que nada conseguiu realizar em prol da instituição e dos índios. "As mudanças que sempre idealizei para o órgão — queixasse o sertanista — não são possíveis de ser implantadas, quer por fatores de ordem orçamentária, ou, ainda, por pressões políticas oriundas dos diversos segmentos da sociedade."

Após formalizar o seu pedido de demissão, Apoena defendeu a necessidade da escolha de um nome para a Funai "com menor envolvimento emocional", acrescentando que a fundação não necessita, no momento, de um indigenista para dirigi-la, mas sim de um administrador. Ele acentuou que o ministro Costa Couto tentou viabilizar a Funai, liberando recursos para os programas em curso, mas que o problema não se restringe à falta de recursos. "Com a atual estrutura — desabafou o sertanista — a Funai é inviável. Eu disse isto quando assumi o cargo e propus a reestruturação do órgão."

Em sua carta de demissão, Apoena mostra um quadro sombrio da Funai: "Os empregados do órgão que atuam das formas mais adversas — diz ele — não recebem a justa recompensa, em face do trabalho atípico que desempenham, abrindo, dessa forma, campo para a atuação dos chamados 'profissionais do índio',

normalmente carentes de ideais e de ideologia duvidosa, incompetentes, irresponsáveis e propulsores de focos de agitação e constantes confrontos entre tutelados e dirigentes do órgão". Esta situação, segundo assinala o sertanista, tem sido nociva para os assistidos, "desencadeando descalço e descrédito da entidade junto à opinião pública".

As distorções na Funai, segundo Apoena, vêm refletindo no comportamento dos índios, que agora "chegam até a exigir indenizações pelo tempo em que desempenharam a função de caciques nas aldeias, autorização para a exploração, por terceiros, de garimpo e área indígena e aquisições indiscriminadas de viaturas, doadas diretamente ao índio em prejuízo das comunidades".

Ao defender a necessidade de uma urgente descentralização da Funai, Apoena afirma que "se perdurar a situação atual, a Funai, em Brasília, continuará a receber grande fluxo de índios, sangrando de forma descontrolada o seu orçamento com gastos decorrentes de hospedagem, alimentação e transportes, que chegaram a atingir até 40% dos recursos destinados à assistência médica e projetos agrícolas".

"A viabilidade do órgão — defende Apoena — só ocorrerá com a imediata intervenção, buscando-se, a médio prazo, a sua reestruturação e a modificação da legislação vigente com vistas a torná-la harmônica com a sociedade nacional.

Desde o governo anterior, a Funai vem enfrentando crises sucessivas que sempre desembocam na troca dos seus dirigentes. Somente no governo anterior, passaram pela Funai seis presidentes e no atual governo Apoena Meireles é o quinto a sair.

Uma vida entre os índios

José Apoena Soares de Meireles, filho do legendário sertanista Francisco Meireles, nasceu próximo ao rio das Mortes (Mato Grosso), em uma aldeia de xavantes, que haviam sido pacificados por seu pai. O nome, Apoena, foi escolhido para homenagear um cacique xavante. Acostumado a acompanhar o pai em missões desde os quatro anos de idade, chegou aos 18 anos sua primeira expedição, um contato com os índios cintas-largas.

Utilizando métodos de aproximação com os índios considerados "revolucionários", Apoena Meireles sempre defendeu que os contatos deveriam ser feitos de modo rápido, e não aos poucos, como os irmãos Villas Boas costumavam fazer.

Seu primeiro trabalho para a Funai, como diretor do Parque Indígena de Aripuanã, foi em 1968, com os índios cintas-largas. Em 1972, Apoena foi afastado do cargo devido a desentendimentos acerca de reivindicações que fez para normalizar problemas decorrentes de invasões das terras dos cintas-largas. Em 1975

voltou ao órgão, para trabalhar junto aos índios vaimiris-atroaris, no Pará, que haviam massacrado o sertanista Gilberto Pinto. Apoena promete que, se preciso, expulsará os brancos das terras indígenas.

Em 1976 o sertanista demitiu-se da Funai, dizendo-se "desgastado por lidar com tecnocratas que não compreendem a problemática indígena". Sua saída do órgão deveu-se a desentendimentos quanto aos limites da área do Parque Aripuanã. Dois anos depois, aos 29 anos, é nomeado diretor do Parque Nacional do Xingu, mostrando-se contrário à emancipação dos índios. No ano passado, o ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, recebeu um documento em que o sertanista afirmava que a Funai é "inviável", advertindo para a necessidade de mudanças estruturais no órgão. Sua preocupação em descentralizar a Funai e evitar a relação de "clientelismo que existe entre os índios e o órgão" valeu-lhe o convite, em novembro do ano passado, para assumir a presidência da Funai, em substituição a Álvaro Villas Boas, que acabava de ser exonerado.